

CAMÕES E OS REINOS DA ESTUPIDEZ: DE FRANCISCO DE MELO FRANCO A FRANCISCO MANOEL DE MELLO FRANCO

CAMÕES AND THE REALMS OF STUPIDITY: FROM FRANCISCO DE MELO FRANCO TO FRANCISCO MANOEL DE MELLO FRANCO

*Gil Clemente Teixeira*¹

RESUMO

A presença de Camões na literatura brasileira é um dado incontestável, como provou claramente Gilberto Mendonça Teles em *Camões e a poesia brasileira e o mito camoniano na língua portuguesa* (2001). Partindo de alguns juízos críticos que procuramos modalizar, queremos neste ensaio demonstrar a presença d' *Os Lusíadas* em dois textos que situam o leitor entre Portugal e o Brasil: o poema herói-cômico *O Reino da Estupidez* (1785), de Francisco de Melo Franco, e o texto de um descendente do poeta, Francisco de Mello Franco, intitulado *Novo Reino da Estupidez* (1995). Nestas vozes de denúncia de uma estupidez penosamente atual, entre risos, revoltas e esperanças, convidamos o leitor a reconhecer, a escutar e a memorizar o singular timbre de Camões, uma das vozes mais indignadas da poesia em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Camões, Literatura Brasileira, Estupidez

ABSTRACT

The presence of Camões in Brazilian Literature makes for an undeniable fact, as clearly proven by Gilberto Mendonça Teles in *Camões e a poesia brasileira e o mito camoniano na língua portuguesa* (2001). Starting with some critical judgements that we should try to revise, we aim to show *Os*

Lusíadas' presence in two texts which take the lector to a place between Portugal and Brazil: the comic-heroic poem *O Reino da Estupidez* (1785), by Francisco de Melo Franco, and a text from a descendant of the poet, Francisco de Mello Franco, titled *Novo Reino da Estupidez* (1995). In these voices of complaint of a painfully present-day stupidity, through laughter, insurgency and hope, we invite the reader to acknowledge, listen to and memorize the unique tone of Camões, one of the most displeased voices of poetry written in portuguese.

KEYWORDS: Camões, Brazilian Literature, Stupidity

CAMÕES EM MARES AINDA POUCO NAVEGADOS

Começamos com palavras de um crítico pioneiro no estudo da recepção de Camões na literatura brasileira, Afrânio Peixoto: “Dos prodígios que fez Portugal no mundo, dois maiores fez: Camões e o Brasil. Na associação desses dois nomes há, pois, como que a fraternidade de um irmão que não morre, a outro que é imortal.” (PEIXOTO, 1944, p. 371). À relação de Camões com o Brasil dedicou-se de forma mais profunda um outro crítico e poeta brasileiro, Gilberto Mendonça Teles. Do trabalho de Afrânio Peixoto afirma: “Apesar de pioneiro, e talvez por isso mesmo, o estudo de Afrânio Peixoto deixa muito a desejar, ressentindo-se, por exemplo, da rápida visão panorâmica e do facto de ter-se dedicado mais aos poetas do período colonial.”² (TELES, 2001, p. 109). A obra de Gilberto Teles, *Camões e a Poesia Brasileira*, oferece uma visão panorâmica, forçosamente incompleta, dos autores da literatura brasileira que reescreveram Camões, pois para o crítico todos os poetas brasileiros não deixam de “pagar algum tipo de tributo de admiração a Camões”³ (TELES, 2001, p. 381). No seu trabalho, fica claro que Camões é, de facto, uma figura fundamental na literatura brasileira desde a *Prosopopeia* (1601) de Bento Teixeira. Porém, a sua obra foi tratada de modos diferentes ao longo do tempo:

primeiro, nos tempos de formação, era a simples imitação de um modelo estético, como nos séculos XVII e XVIII; a veneração como génio no Romantismo; o Realismo conferiu na obra de Camões o sentido determinista da literatura; e o Modernismo reconheceu o peso da sua tradição literária. (TELES, 2001, p. 381).

No que se refere à recepção da épica, o crítico organiza os textos segundo os períodos histórico-literários (Classicismo, Romantismo, Parnasianismo, Simbolismo, e Modernismo) e aponta as principais direções em que se consubstanciou a influência da obra de Camões: a tradicional, que se define por uma continuidade épica; a épico-lírica (visível em obras como a *Invenção de Orfeu* (1952), de Jorge de Lima, a *Idade da Aurora* (1990), de Carlos Nejar, o *Antiuniverso* (1994) de Fernando Py), a didática, a “oficial” e a humorística, na qual constam as paródias e os poemas herói-cômicos.

Como a literatura brasileira é rica no uso do texto camoniano para fins humorísticos e satíricos, analisaremos brevemente um caso de recepção da épica camoniana referido por Gilberto Teles que não foi (porque não tinha de ser) suficientemente estudado na sua obra e que ainda hoje é algo desconhecido: o poema *O Reino da Estupidez* (1785) atribuído a Francisco de Melo Franco. Este texto teve uma nova versão por parte do seu descendente (quase) homónimo, Francisco Manoel de Mello Franco, intitulada *O Novo Reino da Estupidez* (1995), que também será alvo de reflexão.

ECOS DE CAMÕES NUMA POESIA ENLAÇADA COM A HISTÓRIA FRANCISCO DE MELO FRANCO: O REINO DA ESTUPIDEZ

No século XVIII, um grande número de brasileiros que estudava na Universidade de Coimbra teve um papel cultural relevante na vida da cidade, como (RIBEIRO, 2012, p. 78). Um deles foi Francisco de Melo Franco⁴, autor nascido em Paracatu, Minas Gerais, em 1757, filho de pai português. Em 1775/76 matriculou-se na Universidade de Coimbra, em filosofia natural e medicina, mas interrompeu o curso no período em que esteve preso por condenação do Santo Ofício (1777 a 1781). Retomou os estudos em 1782 e concluiu-os em 1785. Desempenhou a profissão de médico pediatra com sucesso, tendo deixado livros de medicina, como o *Tratado da Educação Física dos Meninos*, mas também, de acordo com Sacramento Blake, uma coleção de poesias inéditas denominada *Noites sem sono*. Diz dele o mesmo autor: “Era muito versado nas línguas francesa, latina, italiana e inglesa e poeta habilíssimo, com muito sal para a sátira” (BLAKE, 1895, p. 45). O autor morreu em 1823, em Ubatuba, devido a problemas de saúde.

Rebelde e com ideias próprias de que não abdicava, Melo Franco⁵ escreveu o poema que o populariza na história da literatura brasileira: *O Reino da Estupidez*.⁶ Apesar de escrito na década de 80 do século XVIII, “sobre o joelho em meia dúzia de dias” (ALBUQUERQUE, 1975, p. 54), e de ter circulado manuscrito⁷, apenas foi publicado em 1818, em Paris. Estamos perante um poema herói-cómico, “uma mistura do sublime e do ridículo” (TELES, 2001, p. 324), pertencente ao que Gilberto Teles designa tradição popular da recepção camoniana, existente no Brasil e em Portugal, e que é frequentemente ignorada pela crítica literária (TELES, 2001, pp. 381-384). Do lado português, haverá cerca de um século mais tarde uma experiência idêntica, a “Viagem no Sistema Planetário”, poema satírico em doze cantos e versos decassílabos brancos escrito pelo Dr. Patrocínio da Costa, publicado em Coimbra, em 1875. É dedicado a Teófilo Braga e destina-se a satirizar o ensino da Universidade de Coimbra. Em contrapartida, foi publicado o poema “O Zelo” por Patrício Prudente Calado, em sete cantos, com o objetivo de retirar da universidade portuguesa o sentido satírico que lhe ficou a partir do texto de Melo Franco.

A produção de poemas herói-cômicos em Portugal é significativa. Gilberto Teles consultou 94 escritos, do século XVI em diante, e assegura que “90% deles se construiu sobre o modelo camoniano” (TELES, 2001, p. 325). O primeiro de matriz camoniana é a “Borracheologia Lusitana”, escrito pouco tempo depois da publicação d’*Os Lusíadas*. No Brasil, uma das primeiras experiências satíricas foi o “Imperador de Eiras”, poemeto composto por 76 hexâmetros latinos⁸, da autoria de Fr. José de Santa Rita Durão, escrito entre 1750 e 1756, ano em que se doutorou na Universidade de Coimbra.

O poema *O Reino da Estupidez* enquadra-se num ciclo de pombalismo literário brasileiro, a par do poema *Uraguai* (1769) de Basílio da Gama, no campo antijesuítico, e d’*O Desertor* (1771) de Silva Alvarenga, no setor da reforma intelectual.⁹ *O Reino da Estupidez* (1785), de Francisco de Melo Franco, surge num contexto de reação anti pombalina que se gerou após a subida ao poder de D. Maria I, filha de D. José, em 1777. Pombal reformou a Universidade impondo-lhe novos estatutos em 1772 e com a reforma surgiram, compreensivelmente, muitos inimigos, sobretudo do clero. Luís de Albuquerque, na edição acompanhada de útil estudo que faz do texto, já avaliou o fundamento das críticas movidas por Francisco de Melo Franco aos ocupantes das cátedras da Universidade e concluiu que *O Reino da Estupidez* “estava assente com bons alicerces na realidade, a triste realidade desse findar de século neste canto isolado da Europa.” (ALBUQUERQUE, 1975, p. 41). O mesmo autor relembra que para os contemporâneos de Melo Franco ele se inspirara no poema “The Dunciad”, do inglês Alexander Pope (1688-1744), no qual assume protagonismo uma deusa da Estupidez. Para Antonio Candido, “o poema é violento, como ele era, e os versos, tão maus quanto os que escrevia.” (CANDIDO, 1981, p. 159) e “O verso é pobre, seco, não raro malsoante, mas a invenção, embora limitada, é viva e ferina” (CANDIDO, 1981, p. 157). Sílvio Romero afirma perentoriamente sobre o poeta mineiro: “Tinha pouco talento poético.” (ROMERO, 1960, p. 440). A breve análise que em seguida faremos procurará modalizar as afirmações destes investigadores.

Antes dos quatro cantos que compõem o poema, podemos ler o prólogo que é encabeçado por uma citação da epístola nona do poeta Boileau: “Rien est beau, que le vrai, / Le vrai seul est aimable.” A seleção não é aleatória, pois o autor francês escreveu um poema herói-cômico certamente conhecido de Melo Franco, “Le Lutrin”, cujo canto final apenas foi publicado em 1683. O conteúdo do prólogo sintetiza-se na citação de Juvenal que o encerra: “Si Musa uetat, facit indignatio uersus.” (Se a Musa se opõe, a indignação faz o verso.) Nova seleção com propósito definido: Juvenal é um poeta romano do período imperial, autor das *Sátiras*.

O Reino da Estupidez possui marcas camonianas: “Ainda que não adopte a oitava rima, nem o verso rimado, há passagens que lembram o poema de Camões, se bem que um pouco disfarçadas” (TELES, 2001, p. 130). Daremos a ver algumas destas passagens. A abrir o poema, lemos na proposição:

Não canto aquele herói pio e valente
Que depois de ter visto a cara Pátria
A cinzas reduzida e campo vasto,
Mil p'rigos contrastando, um clima busca
Aonde com os seus ditoso seja.
A mole Estupidez cantar pretendo
Que, distante da Europa desterrada,
Na Lusitânia vem fundar seu Reino. (vv. 1-8)

Melo Franco começa logo por vincar o seu propósito de escrever contra o gênero épico. Não canta, como a *Eneida*, um herói pio e valente, e subverte a expressão camoniana “pátria cara” (IX, 17), alterando os seus constituintes, mas a alusão é clara: os perigos existem também na primeira estrofe d’*Os Lusíadas*. Se no princípio do poema camoniano os portugueses vão fundar novo reino que tanto sublimaram, no poema de Melo Franco é a mole Estupidez que “Na Lusitânia vem fundar seu reino.” (v. 8).

Após a invocação à musa, segue-se a descrição da Estupidez, “feito monstro de cruel figura” (v. 12), que se assemelha ao “monstro horrendo” (V, 49) d’*Os Lusíadas*, Adamastor. Quando toma a palavra, a sua voz está de “mágoa cheia” (v. 18), como a “voz pesada e amara” (V, 49) do Adamastor quando responde à pergunta do Gama “Quem és tu?” (V, 49). Porém, ao contrário do gigante que, tomado de melancolia, choroso, desaparece, a deusa decide ir ao reino escuro, como faz Baco no princípio do canto VI. A soluçar lhes fala, mas ao contrário do deus que se dirige aos “Deuses do Mar” (VI, 28), a deusa dirige-se às “fortes deusas” (v. 36), a Inveja e a Rai-va. Como n’*Os Lusíadas* acontece, a deusa recebe pronta ajuda das fúrias, auxiliadas pelo Fanatismo, pela Hipocrisia e pela Superstição. Porém, ao contrário do que sucede no poema camoniano, as fúrias tomam também a palavra em resposta ao discurso da Estupidez, discurso sem estruturação retórica quando comparado ao de Baco n’*Os Lusíadas*. Todas tentam alcançar assento em França e em Inglaterra, mas nada conseguem. O uso de símiles introduzidos pelo conector “qual” aproxima os poemas. Após o discurso de Minerva, os peitos vacilantes procuram resistir à Estupidez. A sua resistência é comparada a um carvalho milenar:

Mas a sábia coorte, a peito aberto,
Sem p'riço alcança a vencedora palma.
Qual anoso carvalho, cujos ramos
Tanto procuram as cinzentas nuvens
Quanto as raízes vão minando a terra,
Despreza imóvel a sobeja fúria
Dos ventos zunidores que o combatem. (vv. 138-144)

O fim do canto possui tonalidade camoniana. Decididas as fúrias a sair das regiões do norte e a tomar assento no sul, no “País de toda a Europa o mais ditoso” (v. 167), diz o Fanatismo para a Estupidez: “Fugir, fugir desta inimiga terra.” (v. 174). Confrontem-se com as palavras de Mercúrio ao Gama avisando-o das ciladas dos mouros: “Fuge, fuge, Lusitano / Da

cilada que o Rei malvado tece” (II, 61). Com dois versos melódicos encerra o canto: “E sobre as asas dos ligeiros ventos / As amenas Espanhas vão buscando.” (vv. 177-178).

No canto II, as fúrias dirigem-se para a cidade de Lisboa, onde se reúnem “além do claro Tejo” (v. 37), expressão exata usada por Camões (III, 42). A primeira a tomar a palavra é a Raiva que faz uma promessa: “se-rei breve” (v. 44), formulação do Gama ao rei de Melinde (III, 4). Seguem-se os discursos da Superstição e da Hipocrisia. Neste, é referido um homem que critica o luxo dos trajes de um elemento do clero: “Oh, costumes, oh, tempos primitivos!” (v. 285). Leia-se o princípio do discurso do Velho do Restelo de Camões: “Ó glória de mandar, ó vã cobiça / Desta vaidade a quem chamamos Fama!” (IV, 95). Como a Hipocrisia não ficou satisfeita com o discurso que ouvira dos quatro amigos, “como seta despedida” (v. 309) foi até aos aposentos do bispo, como Vénus para proteger os portugueses dos ardis de Baco: “Voa do Céu ao mar como ua seta.” (II, 18). Surge o motivo do sonho profético, que relembra no leitor, por exemplo, o sonho do Gama com Mercúrio no canto II. A última fúria a tomar a palavra é o Fanatismo. Mal termina o discurso, a mole Estupidez “saltava de contente” (v. 380). Recorde-se que o adjetivo mole é usado por Camões num sentido pejorativo: mole é o Rei D. Fernando por causa de um baixo amor (III, 139), mole é o Rei Sardanapalo (III, 92).

No canto III, novas ressonâncias camonianas. Logo na descrição da cidade de Coimbra, lemos “Pelo cume soberbo de alto monte” (v. 3), que recorda o monte a que sobe Tétis com o Gama: “Tomando-o pela mão, o leva e guia / Pera o cume dum monte alto e divino” (IX, 87). Sucede-lhe uma imagem da Fama que apregoa a chegada da Estupidez:

O monstro, que é dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos,
Que debaixo do teto o mais forrado
Nada se passa sem lhe ser notório;
O monstro, que por outras tantas bocas,
Quanto sabe e não sabe põe patente (vv. 26-31)

Comparemos com a imagem camoniana: “A Deusa Giganteia, temerária, / Jactante, mentirosa e verdadeira, / Que com cem olhos vê, e, por onde voa, / O que vê, com mil bocas apregoa.” (IX, 44). Tal como Camões, Melo Franco faz nova invocação à Musa, nela inscrevendo a definição camoniana da poesia como *pintura que fala* (VIII, 41):

Na minha fantasia acende, Oh Musa,
Um fogo vivo; põe na minha língua
Expressivas palavras, com que pinte
As proezas que vou dizer agora. (vv. 36-39)

O claustro convocado pelo então reitor da Universidade de Coimbra, Francisco José de Mendonça, assemelha-se ao Consílio dos Deuses no Olimpo:

Em soberba cadeira se apresenta
O reitor, e por um e outro lado,
Os lentes e doutores assentados
Segundo o vão capricho os destinara,
A dar o seu par'cer se aprontam todos. (vv. 54-58)

Note-se a desconstrução satírica quando comparamos com o passo correspondente d' *Os Lusíadas*:

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses, todos assentados
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam) (I, 23)

O primeiro discurso, proferido por Carlos Maria de Figueiredo Pimentel, lente de Teologia, critica as ciências naturais introduzidas por Pombal na Universidade:

Quem pode sem desprezo ver um lente
De imensos estudantes rodeado,
Pelos campos vagar, ali colhendo
Uma ervinha, uma flor, um gafanhoto? (vv. 117-120)

Facilmente lembramos a descrição de Inês nos campos do Mondego, “colhendo doce fruto”, “aos montes ensinando e às ervinhas / O nome que no peito escrito” (III, 120) tinha. Quando o discurso do lente termina, o poeta apresenta, ao modo camoniano, mais um símile:

Qual sussurrante enxame, que em tumulto,
Segue a vereda que seguiu a Mestra,
Assim dos frades todos e dos becas
Seguiu a turba o explanado voto. (vv. 128-131)

Adiante, referindo-se aos lentes de capa e espada, o poeta assegura que eles não “recolhem da Igreja os doces frutos” (v. 139), o que indicia mais uma vez a presença do episódio de Inês no pensamento de Melo Franco: “Estavas, linda Inês, posta em sossego, / De teus anos colhendo doce fruto” (III, 120). Quando, em seguida, José Monteiro da Rocha, lente de Astronomia, inicia o seu discurso, em clara oposição aos restantes mestres da Universidade, logo se evoca sutil e compreensivelmente o início do discurso do Velho do Restelo (IV, 94-95):

Não é a glória vã de distinguir-me
Quem me obriga a encontrar a tantos votos
Que, por serem conformes, talvez sejam
Ao parecer de muitos, verdadeiros. (vv. 146-149)

A glória do rei e o amor da pátria (cf. *Os Lusíadas*, I, 10) movem o lente a dizer a verdade, falando em favor do Marquês de Pombal e apresen-

tando-se como opositor acérrimo da Estupidez. Com esta figura, prova-se que Melo Franco não tem uma visão parcial do sistema universitário, pois não apresenta apenas as suas *trevas*, mas reflete também no poema a *luz* que nele existe. O lente apenas interrompe o discurso quando lhe sobrevêm as lágrimas:

Os homens grandes, os varões preclaros,
Também sabem chorar, quando a ternura
A bem da humanidade os estimula. (vv. 213-215)

Ao contrário do Consílio dos Deuses, que termina com uma decisão clara da parte de Júpiter, o conselho de lentes termina sem uma decisão, não fosse o reitor “timorato” (v. 222). Após a reunião, os becas (designação dada aos professores pela sua veste preta) comiam “esquisitos manjares” (v. 225) nos colégios. Como não associar esta referência às considerações de Camões sobre a relação entre o trabalho e a glória que constam no final do canto VI d’*Os Lusíadas*? Os que são da fama amigos alcançam as honras imortais e graus maiores por meio de perigos, não “cos manjares novos e esquisitos” (VI, 96). Repete-se neste canto o motivo do sonho profético, desta vez ditando a decisão final do reitor.

No canto IV, último do poema, Melo Franco começa por descrever os vícios dos estudantes de Coimbra e a chegada da deusa da Estupidez. Regressam as ressonâncias camonianas: “eis de repente / Uma nuvem brilhante vem ao longe / De luzentes estrelas esmaltada” (vv. 51-53) relembra mais uma vez o Consílio dos Deuses no Olimpo, “Em luzentes assentos, marchetados / De ouro e de perlas, mais abaixo estavam” (I, 23); o verso “Põem-se em sossego os assistentes todos” (v. 199) relembra o episódio de Inês (III, 120), ou ainda uma das imagens finais, associada a Manuel de Aragão Trigoso, doutor em Cânones, pois o lente é comparado a um touro “que sopra e para trás a terra lança / Quando para investir se ensaia irado.” (vv. 312-313), imagem próxima de um símile camoniano:

Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças experimenta (X, 34)

Este canto é também importante para avaliar a cultura literária do autor: existem várias alusões ao universo de Quixote (Dulcineia, Rocinante, elmo de Mambrino), referências a Boileau (nomeado como Des-préaux), a António Diniz da Cruz e Silva, nomeadamente ao seu poema herói-cômico *O Hissope* (no texto nomeado *Hissopaida*), poema inspirado na obra já citada de Boileau, e a José Correio de Mello e Brito d’Alvim Pinto, autor do poema épico *Joaneida* (1782). A dedicação às letras é, de resto, compreensível num autor que escreve:

Porque sendo as palavras distintivo
Que dos brutos separa a espécie humana,

Eu creio que só nelas deve o homem
Da vida despender os curtos dias. (vv. 248-251)

FRANCISCO MANOEL DE MELLO FRANCO: O NOVO REINO DA ESTUPIDEZ

Francisco Manoel de Mello Franco é um descendente de Francisco de Melo Franco. O seu pai, Afonso Arinos de Melo Franco, integrou a equipa do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional, criado em 1937, como consequência da Semana de Arte Moderna de 1922, juntamente com nomes conhecidos da literatura brasileira como Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade (LEITE, 1999, p. 133). Nascido em 1933, engenheiro de formação, colaborador do dicionário Houaiss da língua portuguesa, Mello Franco estreia-se em poesia nos anos 90 com *O Novo Reino da Estupidez* (Franco, 1995)¹⁰, poema dividido em quatro cantos.

Como na matriz, antes dos quatro cantos, o autor apresenta um prólogo. A citação em epígrafe já não é de Boileau, mas sim do inglês Robert Burton (1577-1640), autor de *The Anatomy of Melancholy*: “For fool and mad man tell commonly the truth.” Ao contrário do prólogo do seu antecessor, que sem esperança e com alguma acidez afirma: “Vai, oh poema, não digo discorrer pelo Universo, porque sei que estás escrito em português, mas ao menos corre as mãos de todos esses que compõem a Universidade.”, Mello Franco, num modo mais camoniano, escreve: “Vai, oh, Poema, discorrer pelo Universo, porque hoje, dois séculos depois da primeira denúncia feita contra o Reino da Estupidez, estando escrito em português tu poderás ser lido em muitas partes, na avançada expansão que atingiu o mundo lusofônico.” Logo no prólogo se começa a afirmar uma das principais diferenças entre os poetas parentes: em Mello Franco há lugar para a esperança.

A presença textual de Camões em Mello Franco é mais reduzida comparativamente ao poema matriz, mas existem ressonâncias da epopeia camoniana. No canto I começa por ser feita uma síntese do poema do século XVIII, elogiando-se Minas Gerais e recordando-se o episódio da Inconfidência Mineira (1789) - famosa tentativa de libertação face à metrópole - o seu líder, Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido por Tiradentes, e o lema dos Inconfidentes “Liberdade Ainda que Tarde” (tradução da expressão latina “Libertas quae sera tamen”, ainda hoje inscrita na bandeira do estado de Minas Gerais). Este quadro histórico é importante para definir o Brasil como a “pátria amada” (v. 27) de Mello Franco, numa sugestiva reescrita do texto camoniano (III, 21). Se dúvidas permanecessem quanto à presença de ecos camonianos, dissipam-se versos adiante quando o poeta descreve o período em que viveu o seu antecessor, o Iluminismo, época em que a Europa entrava em “campos nunca dantes suspeitados” (v. 35, cf. início d’*Os Lusíadas*). Finda a reescrita do texto matriz, descreve-se o

período que separa os dois autores. Nova ressonância camoniana: “Os anos se passaram tristemente / Na terra testemunha de façanhas / De poetas, heróis e conquistadores, / Outrora fera, brava e destemida” (vv. 70-73), o que relembra o leitor da “austera, apagada e vil tristeza” (X, 145) em que a pátria de Camões também mergulhara. Porém, quando chegou o progresso (o autor não fixa nenhuma data específica), a deusa da Estupidez foi desterrada de Portugal para a caverna de onde saíra. Volta a Fama, “o monstro de cem olhos e de cem bocas” (v. 99) (cf. passagem já referida, IX, 44), que convoca as fúrias de modo a encontrar um novo assento, outras plagas (v. 102, lexema camoniano). O lugar para o novo reino da Estupidez fica decidido: a América.

No canto II, descrevem-se as várias partes do Brasil percorridas na viagem empreendida pela Hipocrisia (norte, nordeste, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Centro, o sul dos pampas). Seguem-se as viagens das restantes fúrias (Raiva, Fanatismo, Inveja, Superstição) cujos pareceres levam a deusa Estupidez a optar pelo Brasil para instalar o seu assento.

No canto III, descreve-se o início da história do império brasileiro após a independência:

Formava-se um país surpreendente,
De proporção e vulto avantajados,
Riquezas naturais quase infinitas,
Belezas incontáveis conhecidas,
Presença e identidade registradas,
E já entre as Nações admiradas. (vv. 41-46)

Ao império sucede a República, implantada em 1889, e com uma história muito conturbada ao longo do século XX. As críticas de Mello Franco têm sabor camoniano: “As artes e os museus abandonados / O estudo relegado para um canto / A busca do prestígio a todo o preço” (vv. 104-106). Após uma longa enumeração, surge o grande motivo da discórdia social: “o vil metal” (v. 143) que logo remete para o “metal luzente e louro” (VIII, 97) e a dura reflexão que sobre ele faz Camões. É muito curioso notar que a influência da Estupidez é muito mais abrangente neste poema do que no poema matriz. Aqui a Estupidez atinge todos os setores da sociedade, extravasando o domínio restrito da Universidade. Assim, a crítica do poeta é mais alargada, sendo neste sentido marcadamente camoniana. O canto termina com uma nota de esperança: desde que haja “união de todos” (v. 274), o poeta acredita que a estupidez será banida para um outro planeta, esperando que, pelo menos, não regresse ao “Brasil que amamos” (v. 288).

O canto IV inicia com uma invocação às musas. O poeta formula o desejo de o seu canto se espalhar por todo o mundo de modo a expulsar para o desterro a Estupidez, “que humilha, perde e mata a nossa gente” (v. 24), como num dos símiles de Camões lemos que o touro “Derriba, fere e mata e põe por terra” (I, 88). O amor pela terra pátria traduz-se no desejo de ver o seu ressurgimento, de regressar a um tempo áureo um dia perdido:

E faça o Brasil acordar do sono,
Feliz por tê-la expulsado do trono,
De pé se pondo, impressionante e belo,
Enorme pela própria natureza,
De novo, um feliz país sem dono,
Gigante derradeiro que desperta,
Atlas emocionante de beleza. (vv. 79-85)

Ao contrário de Camões que termina o seu poema dirigindo-se a um rei, Mello Franco dirige-se aos deuses que escutaram o seu canto, pedindo-lhes força para a batalha contra a Estupidez. Porém, a missão não será cumprida se o povo brasileiro não levar a cabo uma “luta franca, aberta e inclemente” (v. 103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIRAS DESTEMPERADAS, VOZES NUNCA ENROUQUECIDAS

Waltensir Dutra escreveu erradamente sobre *O Reino da Estupidez*: “hoje, nada justifica a sua leitura” (DUTRA, 1968, p. 362). O texto atribuído a Francisco de Melo Franco tem valor histórico-literário inegável. Vários argumentos sustentam a nossa afirmação. O autor demonstra uma cultura literária vasta que inclui nomes como Boileau, Juvenal, Cervantes, Alexander Pope, António Diniz da Cruz e Silva, José Correio de Mello e Brito d’Alvim Pinto, Camões. Sabemos que existe um exemplar manuscrito do texto no espólio de Garrett, não se sabendo se pertencia ao seu tio, Frei Alexandre da Sagrada Família, ou se terá sido o próprio Garrett a conseguir-lo. Certa parece ser a sua leitura por parte do autor do poema *Camões* durante a juventude (leia-se o seu poema herói-cómico “O X ou a Incógnita”) (GARRETT, 1985). Sabemos também que Jorge de Sena leu o *Reino da Estupidez* e o selecionou para dar o nome a um volume de ensaios seu. Sena escrevia em 1961 na cidade de São Paulo: “Nenhum outro texto, portanto, mais significativo das virtudes e defeitos da luso-brasilidade, e sob cuja égide este livro se publicasse, poderia ter sido escolhido.” (SENA, 1961, p. 16). No século XXI, continua a motivar reflexão crítica.¹¹ O texto de Manoel de Mello Franco é igualmente digno de leitura. Embora seja pouco conhecido, é um singular exercício literário de reescrita e de reflexão sobre a história do Brasil tomando como tempo de análise o final do século XX.¹²

Separados por mais de duzentos anos, um criticando a Universidade coimbrã¹³, o outro a situação do Brasil, une estes dois textos uma sátira acre, embora de configuração diferente. Como procuramos demonstrar neste ensaio, une-os essencialmente Camões, uma das vozes mais indignadas da poesia, disfarçado em ambos os textos. Ao contrário do que afirmou Sílvio Romero, julgamos que o talento poético de Francisco de Melo Franco não é reduzido, nem o seu verso é sempre seco, pobre, malsoante, como defendeu Antonio Candido. A emulação velada d’*Os Lusíadas* pode

prová-lo, bem como uma leitura atenta dos versos citados, nomeadamente dos símiles, que revelam um cuidado indiscutível com a *elocutio* segundo preceitua a retórica clássica. Evocam-se emblemáticos episódios do texto camoniano, de forma explícita ou apenas sugerida, desconstruindo-se intencionalmente o texto épico em favor de um canto de assunto pouco elevado, mas muito sério, como é a Estupidez. Embora seja mais evidente a presença do texto neste poema, Mello Franco (ou Francisco Segundo como se intitula) também aprecia o molde camoniano, como demonstram a linguagem de feição vernacular e a reprodução de algumas das reflexões de Camões. Se persistisse no leitor alguma dúvida, o autor resolveu-a com a publicação da sua epopeia *Os Brasís* (2000), composta por dez cantos, escrita em oitavas, com versos decassilábicos e com o esquema rimático do poema camoniano.¹⁴ Camões parece, pois, resistir ao tempo, teimando em permanecer no panorama literário brasileiro. Talvez tenha razão o poeta Marco Lucchesi: será

mais
belo
sol
quando
te
pões
nos rubros
mares
de Camões (LUCCHESI, 2014, p. 65).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Luís de. «*O Reino da Estupidez*» e a reforma pom-balina. Coimbra: Atlântida, 1975.

BLAKE, Augusto Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Terceiro volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

BRAGA, Teófilo. Filinto Elísio e os dissidentes da Arcádia: a Arcádia brasileira / Francisco de Mello Franco, José Basílio da Gama, Frei José de Santa Rita Durão, Alvarenga Peixoto, Gonzaga. In: *História da Literatura Portuguesa*, volume XX. Porto: Chardron, 1901. Disponível em: <<http://arlindo-correia.com/201110.html>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CAMÕES, Luís de. *Obras Completas de Luiz Vaz de Camões. I Volume Épica e Cartas*. Organização, introdução e notas de Maria Vitalina Leal de Matos. Lisboa: E-Primatur, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. (momentos decisivos). 6ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

DUTRA, Waltensir. O Arcadismo na Poesia Lírica, Épica e satírica. In: *A Literatura no Brasil*. Direção de Afrânio Coutinho. 1º volume. 2ª edição. p. 319-361. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1968.

ELIA, Hamilton. *Camões e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais, 1973.

FISCHER, Jango. *Índice alfabético do dicionário bibliográfico brasileiro de Sacramento Blake*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

FRANCO, Francisco de Melo. *O Reino da Estupidez, seguido do Novo Reino da Estupidez*, de Francisco de Mello Franco. Apresentação de Antônio Callado. São Paulo: Giordano, 1995.

FRANCO, José Eduardo. O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil: reformas coloniais iluministas e a protogênese da nação brasileira. *Cadernos IHU ideias* n° 220, volume 13, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/29113>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

GARRETT, Almeida. *Poesias dispersas*. Org., pref. e notas de Augusto da Costa Dias, Maria Helena da Costa Dias, Luís Augusto Costa Dias. Lisboa: Editorial Estampa, 1985.

LEITE, José Roberto Teixeira. A integração das artes no modernismo brasileiro. Literatura e artes visuais. In: *História da literatura brasileira*. Direção de Sílvio Castro. Volume 3. Lisboa: Alfa. 3 vol., 1999.

LUCCHESI, Marco. *Clio*: [poemas]. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

MONTEIRO, Ofélia P.. Sobre uma versão desconhecida de *O Reino da Estupidez*. In: *Revista de História das Ideias*, vol. IV, tomo 2, p. 199-253, 1982. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias. Disponível em: <https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/bitstream/10316.2/43912/1/Sobre_uma_versao_desconhecida_de_O_Reino_da_Estupidez.pdf>. Acesso: em 13 jan. 2019.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo e FRANCO, José Eduardo. O Marquês de Pombal e a invenção do Brasil: coordenadas históricas. *Revista de Estudos de Cultura*, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/28703>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

PARANHOS, Haroldo. *História do romantismo no Brasil*. S. Paulo: Cultura Brasileira, 1937.

PEIXOTO, Afrânio. *Camões e o Brasil. Ensaio Camonianos*. Ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

PIRES, Lucília Gonçalves. [Recensão crítica a ‘Sobre Uma Versão Desconhecida de «O Reino da Estupidez»’, de Ofélia Paiva Monteiro]. *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n.º 78, p. 104, 1984.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Brasileiros em Coimbra, Coimbra nos brasileiros: viagem e torna-viagem da Univer(C)idade na literatura. In: *A*

Universidade de Coimbra e o Brasil: percurso iconobibliográfico. Coordenação Científica de José Pedro Paiva e José Augusto Cardoso Bernardes. p. 78-85. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2012.

ROCHA, André. Vicissitudes de uma glória. *Revista de História das Ideias*. O Marquês de Pombal e o seu Tempo. Tomo II. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1982.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira* organizada e prefaciada por Nelson Romero. 6ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SENA, Jorge de. *O Reino da Estupidez*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1961.

TELES, Gilberto Mendonça. *Camões e a poesia brasileira e o mito camoniano na língua portuguesa*. 4ª edição. Lisboa: INCM, 2001.

TELES, Gilberto Mendonça. Recepção de Camões na Literatura Brasileira. *Dicionário de Camões*. Lisboa: Caminho, 2011.

Recebido para publicação em 29/06/19

Aprovado em 21/05/19

NOTAS

1 Bolseiro de doutoramento da Universidade de Lisboa. Frequenta o doutoramento em Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras desta Universidade.

2 Para uma visão panorâmica de Camões na Literatura Brasileira, do Barroco ao século XX, leia-se o ensaio de Hamilton Elia citado na bibliografia.

3 Num outro passo da obra, o mesmo crítico afirma que apenas escapa a esta regra um autor: João Cabral de Melo Neto. p. 189.

4 Pode ler-se a biografia escrita por Antonio Candido (1981) pp. 321-322. Luciana Stegagno Picchio (1997), referindo-se a Melo Franco, remete o leitor para os estudos de Antonio Candido, Teófilo Braga e Haroldo Paranhos citados na bibliografia.

5 Leia-se o artigo de Ofélia Paiva Monteiro, “Sobre uma versão desconhecida de *O Reino da Estupidez*” (1982). Nele, a autora dá notícia de uma versão manuscrita deste poema que se encontra no espólio de Garrett na BGUC, maior do que a versão correntemente divulgada. Ofélia Paiva Monteiro duvida da autoria do poema e recupera a hipótese de o autor ser António Ribeiro dos Santos, lente substituto na Faculdade de Cânones, sustentando-a com fortes argumentos. A hipótese que apresenta não é retomada pela crítica posterior que mantém a atribuição do poema a Francisco de Melo Franco, embora em recensão que fez ao ensaio da investigadora garrettiana, Lucília Gonçalves Pires (1984) tenha sublinhado o seu carácter exemplar.

6 O texto está disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02096.html> Acesso em: 4 out. 2019. A edição de 1818 pode consultar-se. Disponível em: <<https://books.google.pt/books?id=M6EZAQAAMAAJ>> Acesso em: 4 out. 2019. Há edição portuguesa de Luís de Albuquerque (1975) e brasileira de Antonio Callado (1995).

7 De acordo com Teófilo Braga, foram feitas em vida do poeta cinco edições do texto, sem nome do autor. Vd. Braga, Teófilo (1901).

8 O manuscrito do poema encontra-se na Biblioteca da Universidade de Coimbra numa cópia feita por João Pedro Ribeiro.

9 Luiz Eduardo Oliveira e José Eduardo Franco (2016) consideram estes textos como uma espécie de proto-literatura brasileira, pois deram “substrato e substância cultural e mental à projeção de um tempo novo”, p. 35. Inclusivamente defendem a hipótese de Pombal ser considerado um proto-fundador do Brasil.

10 Exemplar disponível na Biblioteca Nacional de Portugal.

11 Arnaldo Saraiva, estudioso da literatura brasileira, apresentou uma comunicação sobre o poema de Melo Franco num encontro científico em 2009. Disponível em: <http://www.fabula.org/actualites/transmission-tranformation-des-genres-litteraires-dans-les-pays-lusophones-2e-journee-d-etude_28042.php> Acesso em: 4 out. 2019.

12 Até à conclusão deste ensaio, curiosamente não encontramos qualquer reflexão crítica sobre este poema.

13 Pelo menos dois professores da Universidade de Coimbra recuperaram o título do poema de Melo Franco em textos publicados no Jornal *Público* (2008 e 2014) nos quais refletem sobre o atual estado da Universidade Portuguesa: Luís Reis Torgal disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/11/19/opiniao/opiniao/o-reino-da-estupidez-1676652>> Acesso em: 4 out. 2019, e Carlos Fiolhais disponível em: <<https://www.publico.pt/2008/02/01/jornal/no-reino-da-estupidez-247369>>. Acesso em: 4 out. 2019.

14 Podem ler-se as primeiras quatro estrofes. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/minas_gerais/francisco_de_mello_franco2.html>. Acesso em: 4 out. 2019.